



Logo depois de receber um telefonema do Ministro Golbery, o Senador Jarbas Passarinho comandou a evacuação do plenário para que a polícia pudesse localizar a bomba

Bomba de brinquedo causa pânico e paralisa Senado

Brasília — Um objeto de plástico com aparência de uma granada, depois identificada como um brinquedo da fábrica Estrela, que conseguiu meter medo até no Senador e Coronel de Artilharia Jarbas Passarinho, causou ontem a suspensão da sessão do Senado, depois de recebidos cinco telefonemas comunicando a existência de uma bomba pronta para explodir no plenário da Casa.

Depois dos telefonemas dados para o Gabinete da Presidência, para o Comitê de Imprensa e para o Senador Dirceu Cardoso, por uma pessoa que se dizia membro do "Comando Delta", os trabalhos da casa foram interrompidos e evacuado o plenário para que a Polícia descobrisse, em seguida, a falsa bomba presa a uma cadeira da "tribuna de honra", do lado da bancada das oposições.

ALARME

O último comunicado sobre a existência da bomba foi recebido em plenário pelo Senador Dirceu Cardoso, para quem a pessoa que telefonou se identificou com o nome de "Dr Assis" e pertencente ao "Comando Delta". Esse mesmo Comando foi citado nos outros telefonemas dados para o gabinete do presidente da Casa, Senador Jarbas Passarinho, e para a assistente do Comitê de Imprensa do Senado, Lindalva Umbelina Ferreira.

Somente no terceiro telefonema foi que o gabinete do presidente ligou para a Mesa dos Trabalhos, que estava sendo dirigida pelo 3º secretário, Senador Itamar Franco. Dele também participava o 2º vice-presidente, Senador Gilvan Rocha, que inclusive estranhou que o autor do telefonema anunciasse o local da "bomba" como sendo a "tribuna de honra", denominação que, ao seu ver, pouca gente conhece.

O Senador Itamar Franco suspendeu a sessão quando se encontrava na tribuna o Senador Alberto Silva (PP-PB), falando sobre combustíveis. Eram exatamente 16h42m. Ele anunciou a suspensão dos trabalhos "por motivo superior", para evitar o pânico. Mas, em seguida, o Senador Dirceu Cardoso comunicava aos colegas o telefonema que também recebera e foi retirando do plenário seis senadores e mais cinco pessoas que se encontravam na "tribuna de honra".

INVESTIGAÇÃO

Segundo depoimento posterior do Senador Evelásio Vieira, líder do PP, um dos que estavam no plenário no momento do anúncio, a pericia da Polícia Federal demorou mais de 20 minutos para chegar. Os levantamentos no local foram feitos pelo Delegado Hélio Romão e pelo chefe da segurança do Senado, Eurico Auler.

Os primeiros senadores a se aproximarem do local onde se encontraria a "bomba", segundo os comunicados telefônicos, foram os Srs Jarbas Passarinho (PDS-PA) e Agenor Maria (PMDB-RN). Estava também no local um segurança conhecido por Índio, que estava, até há bem pouco tempo, dando garantias ao Senador Alberto Silva, que se disse recentemente ameaçado de atentado. Era o Senador paulense que falava no instante em que foi anunciada a existência do objeto no plenário.

A sessão foi reaberta às 17h30m, depois que os peritos já haviam descoberto a suposta "bomba", levando-a para a Polícia Federal para as investigações complementares. Aquela altura, os Senadores Jarbas Passarinho e Agenor Maria já tinham visto que se tratava de um objeto plástico com aparência de uma granada com um clipe preso num dos pólos simulando um dispositivo de disparo.

ÚNICO SUSPEITO

Um grande tumulto se estabeleceu em volta do plenário já fechado para as investiga-

"Granada" é fabricada para criança brincar

A "bomba" encontrada ontem na tribuna de honra do Senado é uma réplica em plástico, de um conjunto de instrumentos usados pelas Polícias Militares de todo o país. É vendida num estojo de brinquedos, de fabricação da Estrela, que apresenta como atrações, além da granada, capacete, cassetete, revólver e coldre. Custando entre Cr\$ 250 e Cr\$

350, o estojo tem grande procura. Em Brasília, segundo os funcionários das Lojas Americanas, os estoques disponíveis já se esgotaram há várias semanas. No Rio, com a mesma apresentação, podem ser encontradas em lojas de subúrbios, sem marca de fabricação definida, estojos semelhantes e a preços mais acessíveis.

ções, com o Senador Dirceu Cardoso dando a sua versão e já conduzindo o assunto em tom de blague. Disse que o telefonema que recebeu, em plenário, a pessoa se identificou como "Dr Assis" e fez questão de avisar que era seu admirador.

Ainda durante o tumulto de jornalistas procurando se inteirar sobre a ocorrência, um assessor da Comissão de Financiamento da Produção, Jorge Santos, que assistia à sessão na tribuna de honra, disse que desconfiava de um mulato alto, magro, vestindo um terno cinza-chumbo, que, momentos antes, tentara obter dele informações sobre o funcionamento da Casa e queria saber também onde ficavam as galerias. Logo que houve a retirada de plenário, o mulato não estava mais na tribuna de honra, onde foi visto com o crachá de visitante ao peito.

Outro visitante, Joselito Correia, chegou a ver o objeto com aparência de uma granada preso a uma cadeira na terceira fila da tribuna de honra. Ele se sentiu inclusive chocado pela maneira rispida com que o Senador Dirceu Cardoso mandou que eles se retrassem também do plenário. O chefe da Segurança do Senado, Eurico Auler, também conhecido como O Xerife, evitou maiores detalhes sobre as diligências, afirmando, de braços abertos, que era o maior ignorante naquele tipo de ocorrência.

O próprio Senador Passarinho, ao restabelecer a continuidade da sessão, prestou informações sobre os acontecimentos, acrescentando que o material encontrado na tribuna de honra foi remetido à Polícia Federal para posteriores investigações.

QUEM FICA NA TRIBUNA

A tribuna de honra fica localizada no lado direito do plenário, de frente para as cadeiras onde se sentam os senadores das oposições. Ela compõem os assessores parlamentares dos diversos órgãos do executivo, prefeitos, visitantes e autoridades homenageadas. Ela é fiscalizada por uma equipe de guardas da Segurança do Senado.

A partir de ontem, em face dos acontecimentos, a segurança passou a orientar seus guardas no sentido de tornar a fiscalização mais ostensiva, a exemplo do que ocorreu por ocasião dos atentados no Rio de Janeiro e São Paulo. A grande triagem, no entanto, é feita nos portões de acesso às duas Casas do Congresso, onde os que passam devem se identificar perante a segurança de serviço. Ultimamente essa exigência está mais relaxada.

NOTA

No início da noite, o Senador Jarbas Passarinho distribuiu a seguinte nota à imprensa:

"A Presidência do Senado Federal leva ao conhecimento da nação que às 16h42m do dia de hoje, após ter recebido três comunicados telefônicos sucessivos, de origem desconhecida, dando conta da existência de uma bomba sob as cadeiras que compõem a tribuna de honra da Casa, determinou que fossem suspensos os trabalhos da sessão ordinária que se encontrava em curso.

Identico aviso recebeu o Senador Dirceu Cardoso.

Pelo seu presidente Senador Jarbas Passarinho, acompanhado dos Senadores Agenor Maria e Itamar Franco constatou-se a existência de um objeto não identificado no referido local.

Imediatamente, foi solicitada a presença da Polícia Federal, que recolheu, para investigações, um petrecho semelhante a uma granada.

Reaberta a sessão, manifestaram os três líderes partidários solidariedade à Presidência destacando todos que a instituição não fora atingida e que atos dessa natureza, praticados por insanos, não farão calar a voz dos representantes do povo brasileiro na mais alta tribuna de nossa pátria".

Itamar suspendeu a sessão

As 16h43m o taquígrafo Lidenor registrava o discurso do Senador Alberto Silva (PP-PB), que discorria sobre alternativas energéticas para o Brasil quando, sem razão visível para tanto, o presidente em exercício da sessão, Itamar Franco, interrompia o orador para comunicar:

— Senador Alberto Silva, pediria a V. Exa as devidas desculpas. Vou suspender a sessão por 10 minutos, por motivo de força maior.

A partir desse momento, uma corriqueira sessão do Senado Federal foi interrompida para dar lugar ao principal acontecimento do dia do Congresso. O plenário passou a ser tratado como um terreno minado, até que a informação de que tudo não passava de brincadeira permitiu que um suspiro de alívio e algumas piadas — "a bomba não explodiu por falta de quorum" — cedesse lugar a um batalhão de jornalistas, funcionários, seguranças e curiosos, de maneira geral, querendo ver "a coisa".

Tinham-se passado 46 minutos da suspensão da sessão quando o Senador Passarinho, risonho, acionou as campanhas e solicitou "aos senhores que ainda não são senadores" que desobstruíssem o plenário para o reinício da sessão.

Parabéns "prá" você

Logo depois, o Senador Passarinho, acompanhado do Senador Almir Pinto, foi ao gabinete do Senador Cunha Lima (PMDB-PB), que comemorava aniversário. Batendo palmas diante do bolo de velas, cantou: "Parabéns prá você, nesta data querida, muitas felicidades, nesta data da bomba".

Tudo não passara de um susto. Mas "o moleque safado que fez isso", para usar sua própria expressão, conseguiu fazer com que o Senador Alberto Silva, no plenário, mudasse o tom do seu discurso de combustível para explosões.

A primeira conclusão de todo o episódio veio num aparte do Senador Agenor Maria ao orador: "A primeira lição é a de que querendo fazer de verdade podem fazer. Quem deixou o simulacro de bomba ali pode deixar a verdadeira criando realmente um problema muito difícil."

O Senador Jarbas Passarinho aproveitou quando o Senador Alberto Silva deixou a tribuna para dar suas explicações ao plenário. Depois de breve relato dos telefonemas do misterioso "Dr Assis" que anunciava a existência da bomba, de todas as providências tomadas, apoiou a atitude dos Senadores Itamar Franco e Dirceu Cardoso, de evacuar o plenário. E concluiu dizendo que o Senado "não pode se sentir envergonhado, nem pode se sentir atingido, na sua dignidade, por um ato dessa natureza. Por isto, decidi reabrir a sessão, concedendo a palavra ao Senador Alberto Silva".

A impunidade

O líder do PMDB, Senador Marcos Freire, aplaudiu a atitude do Senador Passarinho, e atribuiu o clima de tranqüilidade em que disse viver hoje a opinião pública "pela indefinição e falta de esclarecimento a respeito dos referidos episódios". Disse que seu Partido tem a convicção de que a simulação feita ontem à tarde no Senado não

Abi-Ackel ironiza "atentado"

"Uma bomba de alto teor explosivo", disse ontem o Ministro da Justiça, Sr Ibrahim Abi-Ackel, em tom de brincadeira numa demonstração de alívio, ao ser informado pelo Departamento de Polícia Federal de que a bomba encontrada no plenário do Senado era de plástico, "dessas que podem ser compradas em qualquer loja de brinquedo".

O Coordenador Central Policial, delegado Hélio Romão, a segunda pessoa na hierarquia do Departamento de Polícia Federal, foi quem transmitiu a informação ao Ministro Abi-Ackel, pelo telefone. Em seguida ele foi ao Ministério da Justiça, já que o Ministro se havia comprometido a mostrar a "bomba" aos jornalistas.

Manuseio

Depois de mostrar a bomba (uma granada de mão, de plástico, presa a um duxer e com clipe em uma das extremidades) ao Ministro Abi-Ackel, em seu gabinete, o delegado Hélio Romão foi conduzido até a sala de imprensa para mostrá-la aos jornalistas.

— Foi apenas uma brincadeira de mau gosto. Não haverá nenhum inquérito e o assunto já pode ser considerado encerrado.

O delegado Hélio Romão revelou que não foi feita nenhuma pericia na bomba "por ser desnecessário" e porque o material plástico não deixa impressões digitais. "Se tivéssemos considerado o caso como passível de investigações, não permitiríamos o manuseio da granada pelos senadores que a quiseram ver de perto".

Golbery interrompeu audiências

Durou 7 minutos a preocupação do Ministro Chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, General Golbery do Couto e Silva, com a expectativa de explosão de uma bomba no Senado. Ele soube da comunicação do chamado Comando Delta pelo líder Nilo Coelho, e imediatamente mandou ao Senado o chefe de sua Assessoria Parlamentar, Alberto Cunha. Antes que o assessor retornasse, o Ministro já havia recebido a informação de que a bomba era de plástico.

Durante o período em que eram insistentes os boatos de uma explosão iminente no plenário do Senado, o gabinete do Ministro Golbery do Couto e Silva, no Palácio do

pode ser subestimada, "porque se insere dentro de toda uma trama, através da qual se procura desprestigiar as próprias instituições democráticas deste país". Acrescentou que o autor da "brincadeira" e dos telefonemas tentou "desacreditar essa Casa", classificando o incidente como "um atentado terrorista", porque conseguiu pelo menos parte de seu objetivo: a suspensão da sessão.

Já o líder do PP, Senador Evelásio Vieira (SC), não considerou o fato "uma brincadeira de mau gosto".

— O ato de terrorismo não é apenas a explosão da bomba. Estamos praticando terrorismo até através das palavras — disse.

Terminou encarecendo às autoridades "ampliarem todas as ações no sentido de eliminar as ações terroristas neste país", sob aplausos. O Senador Jarbas Passarinho mais uma vez usou da palavra para explicar por que se arriscou indo ver de perto o suposto "petardo".

— Pior seria se nós não tivéssemos visto nada e tivéssemos parado o Senado por 30 minutos ou 40 e depois fôssemos objeto de uma gargalhada nacional porque nada existia.

O Senador Teotônio Vilela, orador seguinte, aproveitou para raciocinar sobre o futuro: que providências, daqui para a frente, serão tomadas? Porque, a seu ver, a "bomba" não é propriamente para matar, mas para amedrontar. "A bomba já está na Câmara Alta, até onde ela vai mais, não sabemos, mas tem todo o direito de ir, porque afinal de contas ela está sendo acolhida com sorrisos e gargalhadas." Exigiu providências, dizendo que não sabia se "a bomba" vai atravessar a rua "mesmo porque eu tenho dúvidas a respeito de sua trajetória". O Senador Passarinho explicou que a tribuna de honra é escura, facilitando muito o trabalho de quem queira colocar uma "granada defensiva". Disse não saber como evitar isso, a menos que todas as pessoas que venham ao Senado sejam submetidas a um detector.

Destemor

O Senador José Lins (CE), como líder do PDS, salientou o destemor do Senador Passarinho que se aproximou do objeto suspeito para procurar saber do que se tratava. Passarinho, posteriormente, relevo a coragem do segurança Eurico Auler, que, antecipando-se ao perito da Polícia Federal, que procurava manter-se à distância, foi até a poltrona, retirou o objeto de plástico e o exibiu a todos, desfazendo o clima de tensão e medo. Depois de se referir a este fato, José Lins apelou a que toda a nação se unisse contra "a insensatez que avassala não o país somente, mas o mundo todo".

A palavra seria dada, em seguida, a cinco senadores que preferiram não falar. O sexto foi o Senador Orestes Quércia (PMDB-SP), que trouxe ar fresco ao plenário ao fazer breve discurso de homenagem ao 1º Centenário da cidade de Monte Alto, São Paulo, findo o qual o Senador Passarinho comunicou que o Senador Juthay Magalhães (PDS-BA), como supervisor da Secretaria de Serviços Especiais, já estava tomando "as providências correspondentes para acautelear o Senado da República em relação aos possíveis atos semelhantes". E encerrou a sessão. Eram 18h6m.

Desativada

A bomba de plástico foi "desativada" pelo próprio Delegado Hélio Romão, o primeiro policial a chegar ao Senado depois do pedido de investigação feito pelos próprios senadores ao Departamento de Polícia Federal. O Sr Hélio Romão, 45 anos de idade e que até segunda-feira substituiu na direção geral do órgão o Coronel Moacyr Coelho, que se encontrava de férias, determinou o imediato deslocamento da pericia até o Senado Federal.

Como a sede do DPF fica a dois quilômetros do Congresso Nacional, o Sr Hélio Romão chegou ao Senado antes dos técnicos e ele próprio tomou a iniciativa de procurar a bomba. Ao encontrá-la, debaixo de uma poltrona, no interior do plenário, em local destinado a convidados, não teve o menor receio de retirá-la. "Foi muito fácil ver que era de brinquedo". Ele tem cursos de explosivos realizados na própria Polícia Federal. Os peritos chegaram ao local alguns minutos depois e foram dispensados pelo Delegado Hélio Romão.

Já no Ministério da Justiça, cercado por jornalistas, o Delegado Hélio Romão mostrou em ser fotografado com a "bomba".

Figueiredo só foi informado às 22h

O Presidente João Figueiredo só tomou conhecimento da colocação da bomba de plástico no Senado às 22 horas, seis horas depois da primeira comunicação feita pelo chamado "Comando Delta". Seus assessores, embora já soubessem do fato antes da decolagem em Paso de Los Libres, decidiram segurar a informação até a chegada do Presidente na Base Aérea de Brasília, "para não entristecê-lo depois da poeirenta recepção em Uruguaiana", como explicou o assessor de imprensa, Sr Carlos Átila.

Na Base Aérea de Brasília, onde comunicou ao Presidente da República os lances do episódio — desde o comunicado telefônico até a localização do suposto artefato e a identificação do material plástico —, o Ministro-Chefe do Gabinete Militar, General Danilo Venturini, que acompanhou o Chefe do Governo na viagem à fronteira com a Argentina, disse que "não se deve jogar nada fora" ao revelar a intenção do Palácio do Planalto de apurar a autoria da brincadeira, não interessando, em princípio, o ânimo de quem a praticou.

"Foi uma brincadeira de mau gosto" — comentou o porta-voz Carlos Átila, evitando revelar detalhes da reação do Presidente quando soube do fato. Acrescentou que ninguém poderá levar a sério uma brincadeira, e negou que esta postura signifique passividade da Presidência da República em relação ao episódio.

Pouco depois o Presidente da República tomou o seu automóvel, em direção à Granja do Torto, sem aparentar irritação. Ele foi recebido na Base Aérea pelo Vice-Presidente Aureliano Chaves e pelo Deputado Alcides Francisco (PDS-SP). Chegaram em sua companhia os Ministros Delfim Neto

Congresso tem 50 entradas sem segurança

Com aproximadamente 50 entradas, fora as irregulares, o prédio do Congresso Nacional não tem qualquer segurança. O Senado, tem 213 agentes, dos quais apenas 20% podem ser considerados aptos para a função. Os outros estão doentes, alguns não podem ficar muito tempo em pé, ou eram motoristas e contínuos que passaram a envergar uniformes.

O Senador Aderbal Jurema (PDS-PE), que no ano passado, após a explosão da bomba na OAB, exigiu providências das Mesas da Câmara e do Senado, acha que de certa forma tudo continua na mesma. Ainda ontem, uma hora antes

Ameaça comprovou clima de insegurança

Fernando Cesar Mesquita

Ficou evidente nesse episódio — "provocação ou brincadeira de um canalha", no entendimento inicial do presidente do Senado, Jarbas Passarinho — que o responsável pela colocação da falsa bomba demonstrou a possibilidade de instalar e fazer explodir naquele ou noutro local do edifício do Congresso um artefato verdadeiro, com a potência destruidora adequada à tática do momento.

Vítimas, felizmente, não houve. Ninguém se machucou fisicamente nem tampouco se atingiu o patrimônio da União. Comprovou-se, mais uma vez, o estado de insegurança em que se encontram todos os cidadãos, em qualquer parte, ante o crescimento continuado da violência política.

As hipóteses levantadas ontem, nos gabinetes e corredores do Senado e da Câmara, em meio ao clima de excitação e medo que se estabeleceu entre parlamentares, funcionários e jornalistas, iam do otimismo de se atribuir a uma brincalhão desqualificado a avaliação política mais realista do presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, secundado pelo Sr Thales Ramalho: "a impunidade na apuração de fatos como a explosão da bomba no Puma do DOI-CODI, gerou ou levará a repetição dessas ocorrências." "O país mergulhou na intranquilidade", disse, desalentado, o líder do PP

(Planejamento), Saraiva Guerreiro (Exterior) e Octávio Medeiros (SNI).

SILÊNCIO

Antes em Uruguaiana, nenhum membro da comitiva quis comentar a suspensão da sessão do Senado, diante da ameaça de bomba no plenário. O Sr Carlos Átila disse que tinha tomado conhecimento do fato às 18h30m, enquanto o chefe do Gabinete Militar da Presidência, General Danilo Venturini, disse ter sabido do assunto "através de um jornalista".

Sorridente, o General Venturini apontou para o chefe do SNI, General Octávio Medeiros, e disse que ele detinha todos os dados a respeito do episódio. Ninguém da comitiva soube informar se o Presidente Figueiredo havia sido ou não informado sobre o episódio.

Em Uruguaiana, notou-se um certo reboliço na comitiva presidencial, com muita gente cochichando no ouvido do Secretário Heitor Ferreira. Indagado sobre o assunto, ele apenas balançou a cabeça e concordou, fazendo gestos, com a afirmação de um repórter de que, às vezes, "o silêncio é mais eloquente do que as palavras". Perguntado se estava abatido, o Sr Heitor Ferreira negou com veemência e afirmou que estava tudo bem.

Mais tarde, o General Medeiros confirmou ter recebido um informe sobre a existência de uma bomba no plenário do Senado, mas não tinha dados sobre a gravidade da situação. Depois, o chefe do SNI disse brincando que realmente havia uma bomba e que voaram senadores para todos os Estados.

de ser interrompida a sessão plenária para a procura de uma bomba, entrou um cidadão em seu gabinete com uma mala de aproximadamente 60 centímetros. Era apenas um vendedor de gravatas. Após os incidentes de ontem à tarde, o Senador Juthay Magalhães (PDS-BA), 4º secretário, a quem está afeto o setor de segurança, promoveu uma reunião com os diretores da área. Duas providências serão adotadas de imediato: 1) todos os documentos entregues nas diversas entradas serão xerografados; 2) para ingressar na tribuna de honra haverá necessidade de uma autorização especial, como ocorria antigamente.

De qualquer maneira, parte ou não de uma estratégia de amplo alcance, a farsa de ontem no Senado provocará desdobramentos maiores e não imaginados pelos autores do plano. É possível que tenha começado ontem a grande reação contra o terrorismo. Há motivos para isso: à noite, em seu gabinete, com a desenvoltura verbal reconhecida por todos, o Senador Jarbas Passarinho, Coronel da reserva, criticava alto e bom som o perito da Polícia Federal que desalojou a falsa bomba de maneira imprevidente, sem as cautelas necessárias, em situações dessa natureza.

O DPF mandou apenas um homem, sem quaisquer apetrechos técnicos, usando apenas as mãos e os olhos. E usou mal a visão, porque esbarrou o nariz no falso artefato e não o percebeu. Foi preciso que o próprio Senador Jarbas Passarinho, Coronel de Artilharia, apontasse várias vezes para o objeto com o qual pretendiam assustar os senadores e os políticos de maneira geral. Por que o DPF agiu com tanta impempria ou inépcia?

E a galhofa do Ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, que mandou exibir o brinquedo tirado da tribuna de honra do Senado, dificilmente deixará de receber a repercussão dos senadores. A semana seia rica em lances políticos, disso não há dúvida.